

**A REMARCAÇÃO DO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E SUAS
REPERCUSSÕES NO PB: UM ESTUDO SOBRE AS SENTENÇAS
EXISTENCIAIS**

*THE PARAMETRIC CHANGE IN THE NULL SUBJECT PARAMETER AND ITS
REPERCUSSION IN PB: A STUDY OF EXISTENTIAL SENTENCES*

Juliana Marins

Universidade Federal do Rio de Janeiro
juespmarins@hotmail.com

RESUMO: Partindo das mudanças pelas quais o português brasileiro tem passado, quanto à remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, investigo as sentenças existenciais com os verbos *haver* e *ter* no PB e no PE. A investigação é feita com base em duas amostras de peças de teatro popular, escritas entre 1840 e 1998. Tomando como base teórica a Teoria de Princípios e Parâmetros na perspectiva do Programa Minimalista (CHOMSKY 1995) e aplicando a metodologia comumente utilizada nos trabalhos apoiados na teoria de Variação e Mudança, o objetivo deste trabalho é mostrar como a substituição de *haver* por *ter* nesse tipo de estrutura tem relação com a perda da possibilidade de o sistema do PB licenciar uma categoria vazia na posição estrutural de sujeito, o que não se verifica no português europeu (PE). A análise revela que o verbo possessivo *ter* passou a invadir os contextos antes ocupados por *haver*, tornando-se o verbo existencial prototípico.

PALAVRAS-CHAVE: Sentenças Existenciais. Parâmetro do Sujeito Nulo. Pro-Drop.

*ABSTRACT: Considering the changes that Brazilian Portuguese has been gone through about the Null Subject Parameter remarking, I investigate existential sentences with verbs *haver* and *ter* in BP and EP. The research is based on a corpus of popular plays, written between 1840 and 1998. Based on the Theory of Principles and Parameters in the perspective of the Minimalist Program (CHOMSKY 1995), and applying the methodology commonly used in the theory of linguistic variation and change, the objective is to show how the replacement of *haver* by *ter* in this type of structure is related to the loss of the possibility of licensing an empty category in the subject position, which is not the case in European Portuguese (EP). The analysis reveals that the possessive verb has started to invade the contexts once occupied by *haver*, and became the prototypical existential verb*
KEYWORDS: Existential Sentences. Subject Null Parameter. Pro-Drop.

INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas, inúmeros trabalhos sobre a representação do sujeito pronominal no português do Brasil (PB) mostraram as diferenças estruturais entre essa variedade do português e outras línguas românicas, como o espanhol, o italiano e mesmo a variedade

portuguesa. De fato, tais trabalhos (DUARTE 1993, 1995, 2003, 2012; SOARES DA SILVA 2006; e MARINS 2009; entre outros), através de análises empíricas, indicam que o PB está passando por um processo de mudança no que se refere ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN): a princípio, o PB se comportava como uma língua de sujeito nulo (LSN) prototípica, dentro do grupo românico, revelando, entre outras propriedades, preferência pela posição de sujeito vazia, como acontece com o português europeu (PE). Posteriormente, observa-se que o PB veio apresentando comportamentos mais alinhados com as línguas de sujeito não-nulo (LSNN), como o inglês e o francês, preferindo o preenchimento da posição estrutural de sujeitos referenciais em todas as pessoas gramaticais.

Não só os sujeitos de referência definida são afetados pela mudança na marcação do PSN no PB: atestam-se alterações na representação dos sujeitos de referência arbitrária, segundo Duarte (1995), Cavalcante (1999, 2006), Santana (2010), entre outros. Numa evidência do que Weinreich, Lavov e Herzog (2006 [1968]) chamam “encaixamento” da mudança, a solução encontrada pelo sistema para que se evitasse a posição de sujeito vazia foi a emergência de estratégias alternativas de indeterminação do sujeito, com a realização, sobretudo, das formas *você* e *a gente* genéricos, como se vê nos exemplos (1) e (2) a seguir, extraídos de Santana (2010, p. 72):

- (1) *Tem uma outra técnica, que é muito usada, hoje em dia. O segredo é não se importar. Se **você** não se importar, **você** acaba dormindo. Mas **você** precisa não se importar de verdade.* [Como encher um biquíni selvagem – 1992 – Miguel Falabella]
- (2) *Velório, funeral, são rituais necessários **Função**, catártica, sabe, Francis? Além do mais, eu descobri que **a gente** não chora a morte do outro, **a gente** chora a própria morte.* [A Partilha – 1990 – Miguel Falabella]

Finalmente, estudos mostram que, a partir do séc. XIX, no PB, o verbo possessivo *ter* começa a tomar corpo na representação da existência, invadindo um contexto anteriormente dominado pelo verbo *haver*. Estudos como o de Callou e Avelar (2000) confirmam no PB contemporâneo a hegemonia de *ter* existencial, restando a *haver* os casos em que o argumento interno exibe o traço [+abstrato], como ilustrado em (3 a,b) (Cf. CALLOU e AVELAR, 2000):

- (3) a.[...] não *há **vantagem*** assim de imediato[...]
b.[...] não *há **tempo*** para que ele participe de atividades [...]

Interessa-me, particularmente, a ideia de Avelar (2006) de que *haver* teria deixado a lista dos *itens funcionais* e teria passado a fazer parte da lista dos *itens substantivos*, nos termos da Morfologia Distribuída (EMBICK e NOYER 2004). O autor apresenta dados empíricos que evidenciam tal processo, cujo resultado é a predominância de *ter*, *verbo existencial funcional*. O autor reforça a relação entre as alterações no quadro pronominal

no PB, o enfraquecimento da concordância e a incapacidade de o sistema licenciar uma categoria vazia (*cv*) na posição estrutural de sujeito de sentenças existenciais com *haver*, dada a mudança no estatuto categorial desse verbo. Eu parto dessa perspectiva para analisar a substituição de *haver* por *ter*, buscando comparar os resultados da análise que proponho com aqueles apresentados por Avelar (2006), com base em Callou e Avelar (2000).

Visto isso, a proposta deste trabalho é investigar a entrada do verbo possessivo nos contextos existenciais ao longo do tempo, buscando compreender que razões teriam permitido a substituição de uma forma pela outra e a relação desse processo com a remarcação do PSN no PB, fato que não ocorre no PE que, por conseguinte, mantém *haver* como o prototípico representante da existência. Para isso, utilizo dados empíricos, extraídos de *peças teatrais brasileiras e portuguesas*, escritas ao longo dos séc. XIX e XX, no intuito de fornecer evidências na diacronia para as afirmações de Avelar (2006), reafirmando que o processo em análise é um “efeito colateral” da mudança que se opera no PB quanto à representação do sujeito pronominal. A análise permitirá ainda observar, então, de que mecanismos o PE dispõe para a representação da existência.

Basicamente, eu uso a Teoria de Princípios e Parâmetros, na sua versão minimalista (CHOMSKY 1995) para justificar o fato de que, no PB, passam a existir sentenças a partir das derivações mais econômicas no sentido de satisfazer as condições do EPP de T¹. Além disso, a noção de “encaixamento” vem do modelo de estudo da mudança de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que integra o quadro teórico-metodológico que guia este estudo, estando tal noção forçosamente presente na busca de evidências de um processo de mudança efetivamente em curso.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresento o trabalho de Duarte (1993), sobre o comportamento do sujeito pronominal de referência definida à luz de dados diacrônicos oriundos de peças teatrais – base para as diretrizes teórico-metodológicas da análise que eu proponho. Em seguida, mostro as ideias de Avelar (2006) sobre a mudança no estatuto categorial de *haver* e a relação desse processo com a remarcação do PSN. Na terceira seção, apresento a análise dos dados de PB e de PE, comparando os resultados de PB com os apresentados por Avelar (2006). Por fim, apresento as considerações finais, indicando brevemente, uma possível repercussão desse processo.

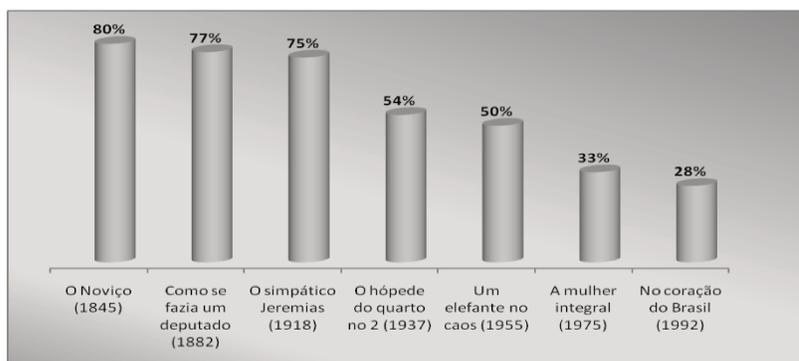
2 UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE OS SUJEITOS REFERENCIAIS: DUARTE (1993)

¹ EPP (*Extended Projection Principle* ou Princípio da Projeção Extendida) de T(ense).

Em estudo diacrônico sobre a representação do sujeito pronominal no PB, Duarte (1993), examinando peças teatrais dos séc. XIX e XX divididas em sete períodos, apresenta indícios de uma mudança na marcação paramétrica no sentido do preenchimento. Esse processo seria consequência do enfraquecimento da morfologia verbal (DUARTE 1993, 1995, 2003), devido às mudanças no quadro pronominal do PB.

O Gráfico 1, adaptado de Duarte (1993), mostra a progressiva redução no percentual de sujeitos nulos nas peças analisadas.

Gráfico 1: Sujeito nulo nas peças teatrais dos séc. XIX e XX



Fonte: Adaptado de Duarte (1993).

Podem-se identificar dois momentos em que houve uma redução significativa no percentual de sujeitos nulos: a partir da terceira década do século XX e no último quarto do mesmo século. Para justificar essa situação, entra em jogo a relação entre a mudança do sistema pronominal, o enfraquecimento da morfologia verbal e a identificação do sujeito nulo. A autora observou que nas três primeiras peças, o paradigma flexional do verbo era constituído de seis oposições (às vezes cinco), ou seja, era formalmente “rico” (JAEGGLI e SAFIR 1989), o que garantiria a identificação do sujeito nulo. Por isso, observamos no gráfico a preferência pela não-expressão do sujeito, com percentuais acima de 75%, mostrando que o PB se comportava como língua [+ *pro drop*].

Por outro lado, nas duas peças seguintes, a redução percentual de sujeitos nulos se relacionaria à neutralização das formas distintivas no paradigma flexional do verbo, promovida pela substituição dos pronomes *tu* e *vós* por *você* e *vocês*. Assim, o número de oposições teria passado de seis para quatro, dada a presença de dois sincretismos no paradigma: o morfema <∅> tanto para a segunda, quanto para a terceira pessoa do singular, e o morfema <-m> compartilhado pela segunda e terceira do plural. Com isso, a manutenção de quatro oposições no paradigma começa a mostrar os reflexos da erosão na morfologia verbal, o que denuncia o início do processo de mudança, com a segunda pessoa como a que revela os maiores índices de preenchimento.

As peças correspondentes aos últimos 25 anos do séc. XX evidenciam que o comportamento do sujeito no PB, em relação ao séc. XIX, já não é mais o mesmo. A entrada da forma *a gente* em competição com o pronome *nós*, cada vez menos frequente na fala, teria feito com que fosse ultrapassado o limite de dois sincretismos estabelecidos por Duarte (1993) como máximo para que uma língua possa identificar/licenciar o sujeito nulo². Assim, o paradigma flexional do verbo no PB teria deixado de ser funcionalmente “rico”, provocando, então, a preferência pela expressão do sujeito, como vemos nas duas últimas colunas do Gráfico I, em que o percentual de sujeitos nulos é bastante baixo (33% e 28%).

3 A MUDANÇA NO ESTATUTO CATEGORIAL DE *Haver*: AVELAR (2006)

Avelar (2006) analisa a questão da substituição de *haver* por *ter* no PB a partir da hipótese de uma mudança categorial do primeiro verbo. Dessa maneira, evidências empíricas mostram que *haver* teria passado de um **verbo existencial funcional** a um **verbo existencial substantivo**, ao contrário de *ter*, que se comporta como **categoria funcional**. O contraste entre *ter* e *haver* no trabalho de Avelar está baseado principalmente nos dados de Callou e Avelar (2000), sobre a fala culta carioca – do projeto NURC – nos anos 1970 e nos anos 1990. Das questões levantadas pelo autor, contemplo apenas três, que servirão de base para a análise que proponho mais adiante.

Para clarificar a ideia da mudança categorial de *haver*, é interessante recorrer a alguns pressupostos assumidos pela Morfologia Distribuída. Nessa perspectiva, em vez de um *componente lexical*, a gramática dos indivíduos conta com listas que abrigam informações sobre os itens lexicais. Assim, para uma dada derivação, é acessada uma primeira lista onde se agrupam tanto as **categorias substantivas**, representadas por substantivos, adjetivos e verbos plenos, como as **categorias funcionais**, que veiculam noções de tempo, modo, número e pessoa, desvinculadas de qualquer matriz fonológica. A derivação prossegue e uma segunda lista contendo as possibilidades materiais para as categorias funcionais que haviam entrado na derivação é acessada posteriormente, depois de SPELL-OUT. É nesse momento que as categorias funcionais são revestidas de material fonético, podendo ser aí interpretadas.

Segundo Avelar, tendo em conta as ideias de Embick e Noyer (2004), na segunda lista, que contém as entradas lexicais correspondentes às categorias funcionais constantes da primeira lista, também se encontram informações sobre as condições de realização das dadas matrizes fonológicas. Assim, de acordo com o *Subset Principle*³, se a certa

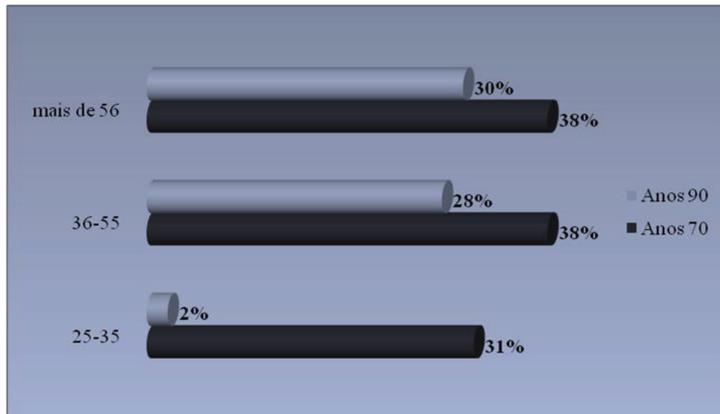
² Segundo a autora, na última peça foram encontradas ocorrências do pronome tu, mas com verbos já sem a marca de flexão <-s>.

³ “A matriz fonológica de um item vocabular é inserida numa determinada posição se o item reúne pelo menos uma parte dos traços que estão especificados em tal posição. A inserção deve ser bloqueada se o

categoria funcional abstrata corresponde mais de uma matriz fonológica, aquela que vai se realizar será a que contiver o maior número de especificações adequadas às especificações referentes à posição em que se dará a inserção do item.

O primeiro indício da nova condição de *haver* é a diminuição da sua frequência de uso. *Haver* era o verbo prototipicamente existencial e perde espaço nesse contexto para *ter*. No Gráfico 2, podemos constatar a drástica queda do percentual de *haver* – sobretudo entre os mais jovens – quando se comparam os dois períodos de tempo contemplados no “estudo de tendência”⁴ (Cf. LABOV, 1994).

Gráfico 2: Distribuição de *haver* por três faixas etárias nas décadas de 1970 e 1990



Fonte: Adaptado de Callou e Avelar (2000)

Nos dois períodos, os percentuais de *ter* são muito superiores aos de *haver* em todas as faixas etárias. É curioso notar que a diferença entre os anos 1970 e os anos 1990 no índice de uso de *haver* pela faixa mais baixa é muito significativa: primeiro, *haver* aparece com 31%; posteriormente, seu uso corresponde a apenas 2%, ilustrando a “mudança em tempo real de curta duração” da representação da existência no PB.

Avelar mostra ainda que, ao contrário de *ter*, *haver* não pode figurar, no PB atual, em qualquer sentença existencial. Há contextos em que a presença de *haver* torna a sentença existencial agramatical – ou pouco aceita –, o que não ocorre com *ter*, que sempre é possível em qualquer contexto existencial. Essa situação leva a crer que há condicionamentos específicos para a realização de *haver*, o que é explorado também por

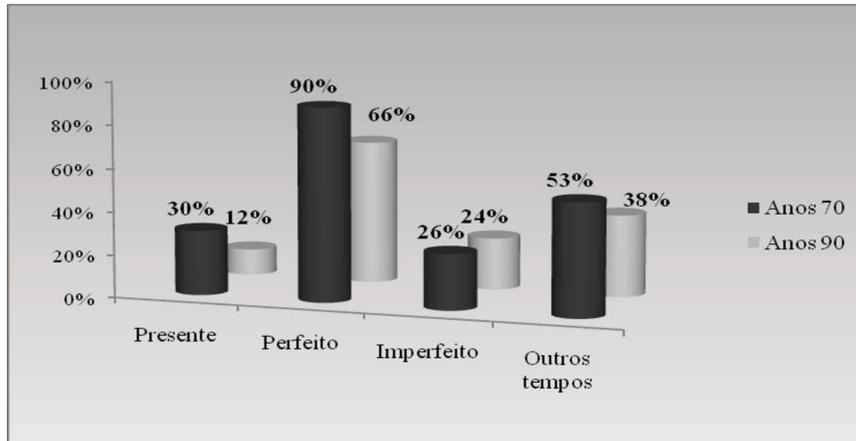
item mostra informações (conjunto de traços e/ou condições de localidade para a inserção) que não condizem com a situação da categoria abstrata que deve receber a matriz. Quando vários itens reúnem condições para a inserção, aquele que reunir o maior número de informações correspondentes à categoria abstrata deve ser o escolhido.” (AVELAR, 2006, p.52)

⁴ Estudo de tendência investiga duas amostras de fala da mesma comunidade, estratificada segundo as mesmas variáveis sociais, colhidas no mesmo intervalo de tempo.

Avelar. O autor, então, retorna aos dados de Callou e Avelar (2000) para mostrar dois aspectos linguísticos que atuam nesse sentido: o tempo verbal e o traço semântico do argumento interno.

Quanto ao tempo verbal, os resultados indicaram que o passado, de modo geral, parece condicionar a realização de *haver* em face de *ter*. Veja-se o Gráfico 3, que mostra os percentuais de *haver* nos dois períodos, distribuídos pelos tempos verbais.

Gráfico 3: Distribuição de *haver* pelos tempos verbais nas décadas de 70 e 90



Fonte: CALLOU & AVELAR, 2000

É curioso que, em ambos os períodos, é no passado que *haver* revela seus maiores índices, 90% em 1970 e 66% em 1990, ou seja, mais que a metade do quantitativo geral em cada período. Atribui-se esse resultado ao fato de que *haver* teria se tornado o verbo existencial prototípico da narrativa, tipo textual que favorece o uso do passado. Como se esperava, na condição de **verbo existencial funcional**, *ter* também encontra terreno no mesmo contexto, superando *haver*.

Sobre a questão do traço semântico do argumento interno, mais uma vez, *ter* revelou sua versatilidade, aparecendo associado a argumentos com qualquer traço: [+animado], [+material], [+abstrato], [+evento] e [+lugar], como se vê, respectivamente, ilustrados em (4), com exemplos retirados de Callou e Avelar (2000):

- (4) a. aqui no Leblon **tem** o padre Zeca.
- b. **tinha** biscoitos na Colombo.
- c. não **tem** mais o charme que tinha.
- d. quando eu fiz quinze anos, **teve** uma festa maravilhosa
- e. **tem** bairros sensacionais fora de Salvador

Por outro lado, *haver* parece ser favorecido pelos traços [-material], ou seja, [+abstrato] e [+evento], que apresentam percentuais de 50% e 41% no acumulado das duas décadas, em contraste com 17% do traço [+animado], 8%, de [+inanimado] e 21% de [+espaço].

A análise separada da fala dos mais jovens também trouxe elementos importantes para a discussão sobre o estatuto do verbo *haver* no PB contemporâneo. Avelar constata que, nesse grupo, *haver* tem um comportamento ainda mais afastado de *ter* – e mais semelhante a *existir* – em termos de frequência: enquanto *ter* aparece com 75%, *existir* exibe um índice de 4% e *haver*, 6%. Os outros 15% correspondem às ocorrências de *acontecer*, outro verbo do tipo **existencial substantivo**.

Além disso, outro aspecto que chama a atenção é a completa ausência de *haver* no pretérito perfeito na fala dos mais jovens. Nesse contexto, foram encontradas apenas ocorrências de *ter* e *acontecer*. No imperfeito, por outro lado, as ocorrências ficam entre *ter*, *haver* e *existir*, mas nunca com *acontecer*, o que sugere que o tempo verbal condiciona o sentido assumido por *haver*: no pretérito perfeito, esse verbo é interpretado como *acontecer*; no imperfeito, como *existir*. Vê-se aqui outro argumento em favor da mudança no estatuto de *haver*, uma vez que *há/havia* e *houve* apresentam significados diferentes (entre os cariocas mais jovens). Isso parece apontar para o fato de que essas duas manifestações já não correspondem mais a matrizes diferentes de uma mesma categoria funcional. Ao contrário, as duas formas seriam listadas entre os itens substantivos, participando da derivação desde o início.

Levando em conta todas as análises realizadas por Avelar, o que, então, teria levado *haver* a perder o lugar para *ter*, especializando-se quanto ao uso e sofrendo a mudança de categoria apontada? Para responder essa pergunta, o autor lança mão de pressupostos da Morfologia Distribuída, ao afirmar que as matrizes *ser*, *estar*, *ter* e *haver* corresponderiam a uma categoria abstrata v_{est} (AVELAR, 2004). Cada uma entraria na derivação de acordo com as condições especificadas pela entrada, de acordo com o *Subset Principle*. Assim, *ter* seria acionado quando a sentença se configurasse como possessiva e *haver*, quando se tratasse de uma configuração existencial. Indo mais além, Avelar apresenta uma hipótese para o surgimento de *ter* em contextos existenciais: haveria uma relação intrínseca entre as alterações no quadro pronominal, o enfraquecimento da concordância e a impossibilidade de licenciar/interpretar uma categoria vazia na posição de sujeito e a interpretação existencial de sentenças com *ter* e sujeito nulo. Assim, se é verdade que as alterações no quadro pronominal do PB levaram a uma redução no paradigma flexional do verbo, gerando a incapacidade de o sistema permitir que *pro_{ref}* ocupasse a posição estrutural de sujeito, também é verdade que sentenças possessivas com *ter* e sujeito nulo não mais poderiam ser assim interpretadas, já que o falante fica impossibilitado de atribuir um valor referencial a essa posição. O que “salvaria” uma sentença assim seria interpretá-la como existencial, em que *ter* não tem sujeito gramatical, como ocorre com sentenças com *haver*. Estudos como os de Duarte (1993, 1995), Galves (1996), Tarallo (1996) mostram que esse conjunto de mudanças na

marcação do PSN no PB parece ter se dado na passagem do séc. XIX para o séc. XX, momento em que se verifica a presença de *ter* nesses contextos.

Então, se *ter* com sujeito nulo passa a ser interpretado como existencial, o sistema teria passado a contar com duas matrizes fonológicas – *ter* e *haver* – para um mesmo conjunto de traços, o que impossibilitaria a aplicação do *Subset Principle*, uma vez que não seria possível eleger aquela mais adequada em dada condição. Além disso, *haver* teria que continuar se comportando da mesma maneira, como uma categoria funcional, o que não se verifica no PB atual. Parece que *haver* foi “expulso” do rol das categorias funcionais e passou a integrar as categorias substantivas, o que justifica sua frequência baixa – como ocorre com *acontecer*, *existir* e outros verbos da mesma natureza –, sua ausência na fala das crianças e a especialização do seu uso.

4 OS DADOS

4.1 Metodologia de análise

Para fornecer evidências empíricas sobre o fenômeno em estudo no presente trabalho, procedi a uma análise diacrônica, a partir do método quantitativo largamente usado nos estudos em Sociolinguística Variacionista, de sentenças existenciais em que aparecem os verbos *haver*, *ter* e *existir* em contexto em que há a possibilidade de ocorrência das três formas verbais⁵. Foram computados dados em que a alternância entre os verbos não implicaria mudanças significativas de sentido ou nas condições de valor de verdade das sentenças, conforme ilustrado em (5):

(5) *Havia/Tinha/Existia* um homem na esquina.

O *corpus* utilizado para a constituição da amostra de PB é um conjunto de 43 comédias teatrais – farsas, comédias de costumes, comédias de personagem, comédias de capa e espada, e comédias pastelão –, escritas entre 1844 e 1992, por autores cariocas ou que viveram no Rio de Janeiro durante a maior parte de suas vidas. As peças foram agrupadas em sete períodos, seguindo a mesma classificação adotada por Duarte (1993). Os dados do PE foram extraídos de 41 peças teatrais do mesmo gênero, igualmente agrupadas, respeitando a divisão estabelecida para o PB.

⁵ Evidentemente é necessário observar que a mudança na forma verbal acarretará mudanças do ponto de vista semântico, sobretudo se se considerar, assim como defendo neste ponto, que as três matrizes não correspondem ao mesmo tipo de categoria – *ter* é uma categoria funcional, enquanto *haver* e *existir* são *categorias substantivas* – e não codificam o mesmo conjunto de traços. Entretanto, para obter dados que permitam a análise, foi necessário desconsiderar tal distinção e selecionar as sentenças em que a entrada dessa ou daquela forma verbal não gerasse a agramaticalidade da sentença e que produzisse um sentido mais aproximado ao da “posse pura”, que assumo ser aquela veiculada pelo verbo *existir*.

Para o processamento quantitativo dos dados de PB, foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988), que permitiu não só determinar as frequências de uso das variantes em questão em cada período de tempo, como também os fatores que parecem ter entrado em jogo no processo de alternância entre as duas formas – e posterior sobreposição de uma forma pela outra – no curso do tempo. Como meu objetivo neste ponto é verificar se a hipótese de Avelar (2006) se aplica aos dados que coletei, estes foram codificados de acordo com os mesmos grupos de fatores indicados em Callou e Avelar (2000), a saber:

- (a) elemento à esquerda do verbo
- (b) tempo verbal
- (c) posição do argumento interno
- (d) traço semântico do argumento interno
- (e) tipo sintático da oração
- (f) período de tempo.

4.2. Análise dos dados

4.2.1 Resultados gerais do PB

Na amostra de peças brasileiras, foram computadas 986 sentenças, das quais 649 exibiam o verbo *haver*, 290, o verbo *ter* e apenas 47, o verbo *existir*. O Gráfico 4 e a Tabela 1 a seguir mostram a distribuição dos usos dos três verbos ao longo do tempo.

Gráfico 4: Distribuição de *haver*, *ter* e *existir* ao longo dos sete períodos de tempo (PB)

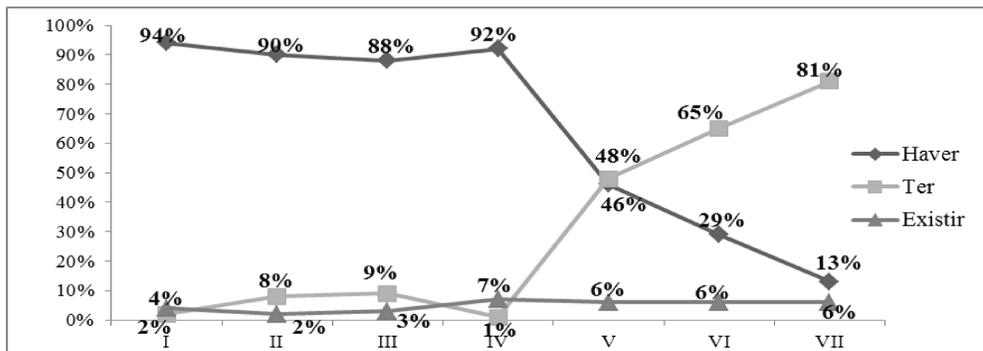


Tabela 1: Distribuição de *haver*, *ter* e *existir* ao longo dos sete períodos de tempo (PB)

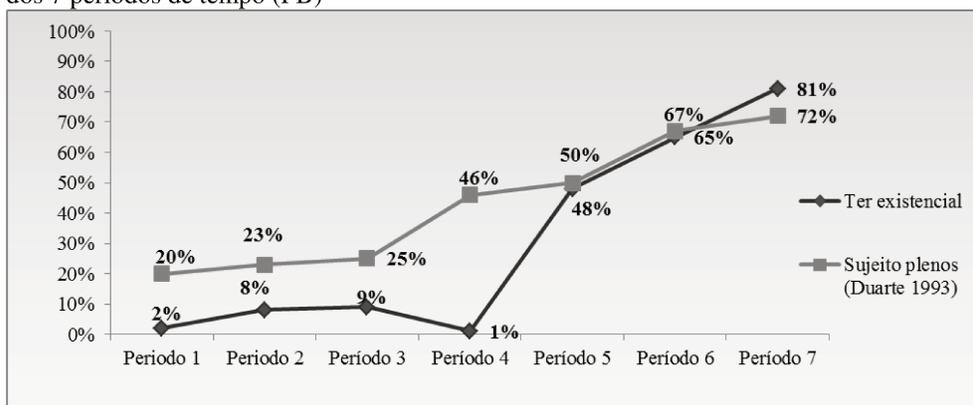
Período	Haver	Ter	Existir
I (1840 - 1860)	147 - 94%	4 - 2%	6 - 4%
II (1870 - 1889)	114 - 90%	10 - 2%	3 - 2%

III (1899 - 1920)	123 - 88%	12 - 9%	4 - 3%
IV (1933 - 1945)	114 - 92%	1 - 1%	9 - 7%
V (1953 - 1967)	99 - 46%	104 - 48%	12 - 6%
VI (1975 - 1984)	41 - 29%	90 - 65%	8 - 6%
VII (1990 - 20...)	11 - 13%	69 - 81%	5 - 6%
Total (ocor.)	649	290	47

Como se vê, conforme esperado, as frequências de uso de *haver*, nos quatro primeiros períodos, ou seja, até os anos 30 do século XX, revelam índices bastantes altos, acima da casa dos 90%, enquanto os períodos V, VI e VII, que compreendem peças escritas a partir dos anos 1950, mostram o declínio dessa forma. Em situação diametralmente oposta, encontramos o verbo *ter*, que apresenta inexpressivos índices de ocorrência nos períodos I, II, III e IV, não atingindo sequer a marca de 10%. É no período V que se observa a competição equilibrada entre as duas formas, e, a partir de então, *ter* ultrapassa o uso de *haver*, chegando a 81% no último período. Esses resultados preliminares já evidenciam uma mudança no comportamento dos verbos *haver* e *ter* nos contextos existenciais. Se num primeiro momento os números indicam que *haver* era o verbo existencial prototípico – quando se observa sua frequência – e *ter* exibia um comportamento mais marginal nesse contexto, a situação a partir dos anos 1970 (período VI) se inverte: *ter* passa a representar a noção de existência numa proporção muito maior que *haver*, que passa a apresentar uma frequência de uso semelhante à de *existir*, que manteve padrões razoavelmente constantes, com percentuais que não chegam a 10%.

O Gráfico 5 a seguir traça um paralelo entre os resultados apresentados anteriormente e aqueles encontrados por Duarte (1993), para a representação do sujeito pronominal.

Gráfico 5: Distribuição de *ter* vs. crescimento de sujeitos de referência definida plenos ao longo dos 7 períodos de tempo (PB)



Observe-se que as curvas ascendentes para a implementação de *ter* existencial e do sujeito pronominal expresso seguem paralelas, sempre com o preenchimento do sujeito ocorrendo mais rapidamente do que o uso de *ter*. Percebe-se uma situação de proximidade entre a presença de *ter* existencial e sujeitos plenos nos três primeiros períodos: os percentuais de sujeitos plenos ainda são muito baixos, entre 20% e 25%, do mesmo modo que os índices de *ter* existencial, que ficam entre 2% e 9%. Isso denota duas situações: por um lado, a baixa frequência de sujeitos plenos mostra que o sistema ainda tem a capacidade de licenciar/interpretar a categoria vazia na posição estrutural de sujeito. Isso possibilita que sentenças com *ter* e sujeito nulo ainda sejam interpretadas como possessivas. Contudo, é possível que, em algum ponto do séc. XIX, o PB tenha começado a apresentar um comportamento diferente em relação à marcação do PSN. Como consequência, as sentenças com *ter* e sujeito nulo, cada vez mais, vêm deixando de poder ser interpretadas como possessivas, restando a elas a semântica existencial. Levando-se em consideração que o período III vai até 1920 e, mais ainda, que os autores dos três primeiros períodos nasceram até meados do séc. XIX, é bastante aceitável pensar que as peças desses três períodos ainda reflitam aspectos de gramáticas de sincronias anteriores. E ainda, é muito provável que, nesse momento histórico, os indivíduos mais velhos sejam portadores de gramáticas em que a categoria vazia que ocupa a posição estrutural de sujeito ainda pode ser interpretada – e que, portanto, atribuem valor possessivo à combinação *ter* + *sujeito nulo*, e os indivíduos mais jovens já não consigam fazer o mesmo. Para eles, assim, essa combinação resultaria em uma sentença existencial.

Deve-se notar, porém, a situação encontrada no quarto período, em que há uma ruptura em relação aos demais índices de aparecimento de *ter* existencial. Os três autores das peças de onde foram extraídos os dados do período se mostram, de fato, mais conservadores com relação ao uso de *ter* existencial, diferentemente do que se esperaria. Note-se que um deles, autor muito popular em seu tempo – Armando Gonzaga – é apontado por Duarte (1993) como o autor que opta pelo uso de *você*, abandonando o pronome *tu* em suas peças. Isso, segundo a autora, seria um dos elementos favorecedores do preenchimento do sujeito. Por outro lado, em outros estudos relacionados aos efeitos da mudança na remarcação do PSN, são os autores desse período que apresentam um desvio nas curvas de mudança (Cf. Duarte 2012, sobre diversos estudos diacrônicos com base no mesmo conjunto de peças). Não há dúvida de que estamos num período em que a pressão normativa se torna mais forte e atua de maneira mais eficiente em relação ao uso de *haver* do que em relação ao uso de um pronome sujeito nulo.

Passo, então, a fazer algumas considerações sobre as ocorrências com *existir*. Na qualidade de **verbo existencial substantivo**, era esperada uma frequência mais ou menos constante em todos os períodos. Além disso, o baixo número de ocorrências – no total 47 – indica que o uso de *existir* é mais restrito, possivelmente por conta de seu conjunto de traços semânticos, ligados à ideia de um valor existencial “mais neutro”, que defino aqui

como “ter existência real, ser real, estar no/pertencer ao mundo biossocial compartilhado”⁶.

4.2.2 Contextos linguísticos no PB

Os resultados preliminares foram capazes de mostrar que, em termos de frequência de uso, *ter* toma o lugar de *haver* nas sentenças existenciais e que *haver* passa a figurar com índices mais próximos dos *verbos existenciais substantivos*, como é o caso de *existir*. A seguir, tratarei dos contextos que me pareceram mais relevantes, sobretudo levando em conta as afirmações de Avelar (2006).

4.2.2.1 O tempo verbal

O objetivo da análise a ser apresentada é de verificar se a hipótese de Callou e Avelar (2000), de que o tempo verbal que favoreceria o uso de *haver* é o pretérito perfeito, ideia que serve de base para a tese de que *haver* teria se especializado no discurso narrativo (CALLOU e AVELAR 2000; AVELAR 2006). Apresento a análise desse grupo de fatores nos três últimos períodos, momento em que *ter* passa a suplantar *haver* em termos de frequência de uso. Como se viu, até o período IV, *haver* exibia comportamento de categoria funcional, o que pressupõe um comportamento uniforme no que se refere ao tempo verbal e justifica uma análise daí em diante.

Observando todos os dados, tanto de *ter*, quanto de *haver*, e considerando o quantitativo geral dos três períodos, o presente é o tempo verbal que concentra o maior número de dados. A Tabela 2 mostra os resultados encontrados para *haver*, considerando cada período separadamente.

Tabela 2: Distribuição de *haver* pelos tempos verbais a partir da segunda metade do séc. XX (PB)

Tempo/Período	Período V	Período VI	Período VII	Total
Presente	63 - 64%	25 - 61%	7 - 64%	95 - 63%
Perfeito	11 - 11%	7 - 17%	1 - 9%	19 - 12,5%
Imperfeito	13 - 13%	6 - 15%	*	19 - 12,5%
Outros	12 - 12%	3 - 7%	3 - 27%	18 - 12%
Total	99 - 100%	41 - 100%	11 - 100%	151 - 100%

⁶ Está fora do escopo deste artigo definir com precisão o significado de existência ou do que é ou não real, independentemente de qualquer corrente filosófica.

O que se pode notar através da leitura da Tabela 2 é que os percentuais de *haver* no presente são muito semelhantes, na casa dos 60%. Esses percentuais, entretanto, não podem ser tomados como indicativos de que o tempo presente seja um fator condicionante para a manutenção de *haver* no sistema do PB. Índices muito semelhantes foram encontrados para *ter*, como se vê na Tabela 3.

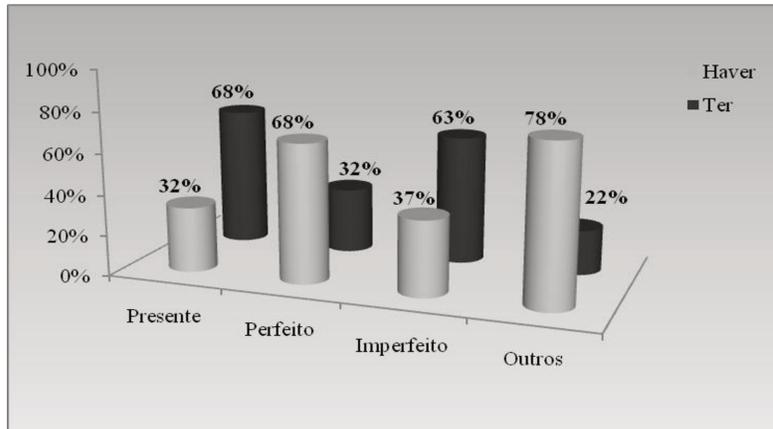
Tabela 3: Distribuição de *ter* pelos tempos verbais nos a partir da segunda metade do séc. XX (PB)

Tempo/Período	Período V	Período VI	Período VII	Total
Presente	87 - 84%	61 - 68%	59 - 85%	207 - 79%
Perfeito	4 - 4%	5 - 6%	*	9 - 3%
Imperfeito	8 - 7%	22 - 24%	3 - 5%	33 - 13%
Outros	5 - 5%	2 - 2%	7 - 10%	14 - 5%
Total	104 - 100%	90 - 100%	69 - 100%	263 - 100%

Como se pode notar, as tabelas parecem indicar que é também no presente que as ocorrências de *ter* são mais numerosas, uma vez que chegam a 85% no último período. A situação retratada pelas duas tabelas anteriores, não parece, entretanto, indicar que o tempo presente favoreça uma das formas verbais existenciais, embora essas sentenças configurem-se como as que apresentam maiores índices. Na verdade, sentenças no presente, sejam elas existenciais ou não, serão de fato mais recorrentes no gênero textual em questão, no caso peças teatrais, em que as falas e as ações ocorrem simultaneamente.

Entretanto, ao se comparar as ocorrências de *ter* com aquelas de *haver*, é possível verificar um aspecto que não fica nítido pela observação das duas tabelas. Veja-se o Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6: Distribuição de *ter* e *haver* pelos tempos verbais nos três últimos períodos (PB)



A distribuição que se encontra quando comparados os números de *ter* e *haver*, conforme mostra o Gráfico 6, é semelhante ao que Callou e Avelar (2000) encontram para a fala culta carioca. Aqui se pode notar que o percentual de *haver* no pretérito perfeito é bastante superior ao de *ter*, chegando a 68% contra 32%, faixa semelhante àquela encontrada pelos autores. Por outro lado, no presente e no pretérito imperfeito, *ter* suplanta *haver*, também com percentuais da mesma ordem de grandeza em relação aos dados de Callou e Avelar (2000).

Visto isso, os dados permitem compreender que, embora o tipo de texto usado para constituir a amostra não privilegie o aparecimento de sequências narrativas, como é o caso do tipo de inquérito que serviu de base para a análise de Callou e Avelar (2000), quando isso ocorre, os maiores percentuais são os de *haver*. Isso parece sugerir que, de algum modo, *haver* estaria associado ao discurso narrativo, encontrando assim, um ambiente discursivo de resistência, especializado nesse uso.

4.2.2.2 Traço semântico do argumento interno

Segundo mostram Callou e Avelar (2000), *haver* aparece mais comumente associado aos traços semânticos “não materiais”, como é o caso do traço [+abstrato] e [+evento]. Na medida em que vai deixando de ser um verbo existencial funcional, *haver* vai deixando de aparecer nos contextos em que seu argumento interno exhibe um conteúdo nocional concreto, como é o caso do traço [+animado], [+material] e [+espaço].

Assim, *ter* deveria ter encontrado nesses ambientes linguísticos um terreno fértil para a sua implementação, espalhando-se para os outros contextos na medida em que se torna o verbo existencial. Com isso, espera-se, de acordo com os resultados apresentados até aqui, que isso tenha acontecido a partir da segunda metade do séc. XX, que corresponde ao quinto período.

Seguindo as diretrizes metodológicas estabelecidas em Callou e Avelar (2000), analiso as ocorrências de *ter* nos três primeiros períodos e *haver* nos três últimos, quanto ao traço semântico de seu argumento interno. O conteúdo semântico dos argumentos internos dos verbos foi classificado como [+animado], [+material], [+abstrato], [+evento] e [+lugar]. Observem-se as tabelas 4 e 5 a seguir.

Tabela 4: Traço semântico do argumento interno através dos três últimos períodos – verbo *haver* (PB)

Traço semântico	V	VI	VII
[+animado]	22 - 22%	5 - 12%	3 - 27%
[+material]	10 - 10%	2 - 5%	2 - 18%
[+abstrato]	61 - 62%	26 - 63%	6 - 55%
[+evento]	4 - 4%	6 - 15%	-
[+lugar]	2 - 2%	2 - 5%	-
Total	99 - 100%	41 - 100%	11 - 100%

Tabela 5: Traço semântico do argumento interno através dos três últimos períodos – verbo *ter* (PB)

Traço semântico	I	II	III
[+animado]	3 - 75%	3 - 30%	2 - 17%
[+material]	-	3 - 30%	3 - 25%
[+abstrato]	1 - 25%	4 - 40%	5 - 41%
[+evento]	-	-	-
[+lugar]	-	-	2 - 17%
Total	4 - 100%	10 - 100%	12 - 100%

A análise da Tabela 4 permite notar que em todos os três períodos o traço [+abstrato], exemplificado em (6), aparece com os maiores percentuais, tendo alcançado índices na casa dos 60% nos períodos V e VI e 55% no período VII.

- (6) ***Há diferença de cromossomos.*** (*A Mulher Integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

Se somado com o traço [+evento], ilustrado em (7), que também se caracteriza como abstrato, os números são ainda maiores: 66% no período V e 78% no período VI. Como no sétimo período não foram encontrados dados de argumento interno com o traço [+evento], o número se mantém o mesmo.

- (7) *No entanto, nunca **houve tanto divórcio, tanta separação** como agora.* (*A Mulher Integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

Assim, em nenhum dos três períodos, argumentos com os traços ligados a uma noção material – [+animado], ilustrado em (8), [+material], em (9), [+lugar], em (10) – superam em número os argumentos internos com os traços abstratos.

- (8) *Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez? (O santo milagroso, Lauro Cesar Muniz, 1963)*
- (9) *Você nasceu com as costas pra lua, hein? É apanhado, e o guarda sumiu. Chamo a polícia, polícia não vem. Não há táxi. E agora ainda me chamam com urgência. (Do tamanho de um defunto, Millor Fernandes, 1955)*
- (10) *Mesmo porque meu irmão não vai ter a mesma sorte que teve meu pai, que entrou aí nessa baiuca e nunca mais saiu. E naquele tempo não havia boite! (O colar de coral, Antonio Callado, 1953)*

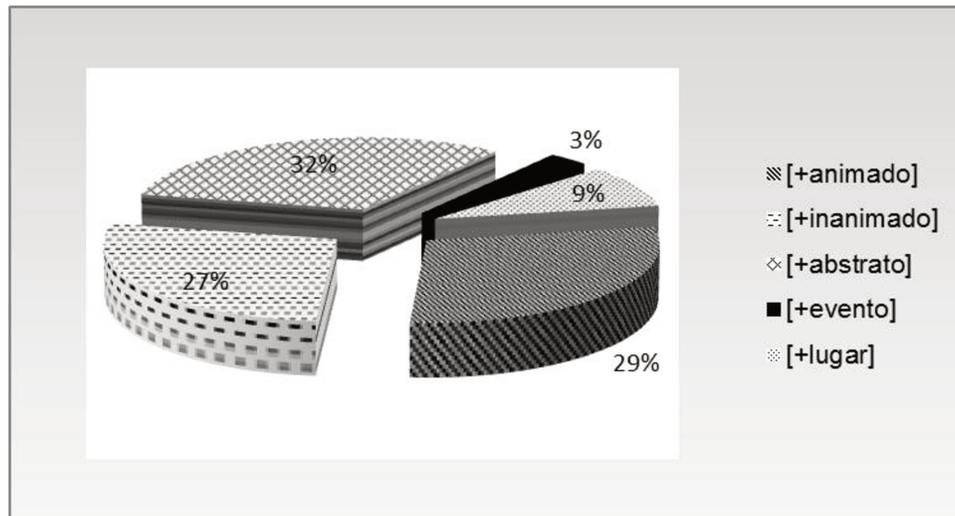
Esse resultado confirma o que foi observado por Callou e Avelar (2000) para a fala culta, e colabora para reforçar a ideia de que o traço semântico [+abstrato] seria um contexto de resistência de *haver*.

Observando a Tabela 5, é possível notar que a situação prevista no início desta seção se confirma: *ter* parece mesmo se implementar no lugar de *haver* nos contextos em que este verbo vai desaparecendo, com argumentos internos portadores dos traço semânticos ligados à noção material. No período I, em que foram encontradas apenas 4 ocorrências de *ter* existencial, três delas estão associadas a um argumento interno com o traço [+animado]. A situação que se observa nos dois outros períodos é interessante: conforme se implementa no sistema nas construções existenciais, *ter* passa a invadir todos os contextos, independentemente do traço de seu argumento interno, processo sugerido pela Tabela 5: a distância entre os índices de argumentos com traços do tipo *material* em oposição aos com traços do tipo *abstrato* vai diminuindo com o passar do tempo, gerando o equilíbrio que se verifica no período III, quando se compara, de um lado, os traços [+animado], ilustrado em (11), [+material], ilustrado em (12), e [+lugar], ilustrado em (13).

- (11) *Tem uma amiga minha que disse que vai me arrumar preu ser revendedora da Avon (No coração do Brasil, Miguel Falabella, 1992)*
- (12) *É. Mas durante a noite refresca um pouco mais, porque tem água em abundância. (Um elefante no caos, Millôr Fernandes, 1955)*
- (13) *E tem o quarto da empregada, lá fora. (Um elefante no caos, Millôr Fernandes, 1955)*

Se por um lado, ao longo do processo de implementação de *ter* existencial no sistema do PB, o traço semântico do argumento interno pode ter sido relevante, com os traços materiais atuando a favor da introdução dessa forma verbal nos contextos existenciais, o panorama sugerido pelos resultados expostos na Tabela 5 – em que se analisam os períodos mais atuais - é o de um sistema em que *ter* aparece em qualquer contexto, sem que haja qualquer atuação do traço semântico do argumento interno, mostrando que tal forma verbal se encontra implementada no sistema. Observe-se o Gráfico 7 a seguir, em que se verifica a distribuição de *ter* de acordo com o traço semântico do argumento interno no período VII.

Gráfico 7: Distribuição de *ter* pelo traço semântico do seu argumento interno – Período VII (PB)



A distribuição de *ter* no último período, quando já se encontra totalmente implementado no sistema como verbo existencial, é bem mais uniforme. Pode-se observar que, quanto aos três traços principais, [+animado], [+inanimado] e [+abstrato], os percentuais são quase os mesmos, entre 27% e 32%. A escassez de dados de argumentos internos com os traços [+evento] e [+lugar] não compromete os resultados: se unidos, respectivamente aos traços [+abstrato] e [+inanimado], vão compor percentuais de 35% e 36%, o que torna os resultados ainda mais equilibrados, evidenciando o caráter uniforme do comportamento de *ter* no PB contemporâneo no que se refere ao traço semântico do seu argumento interno.

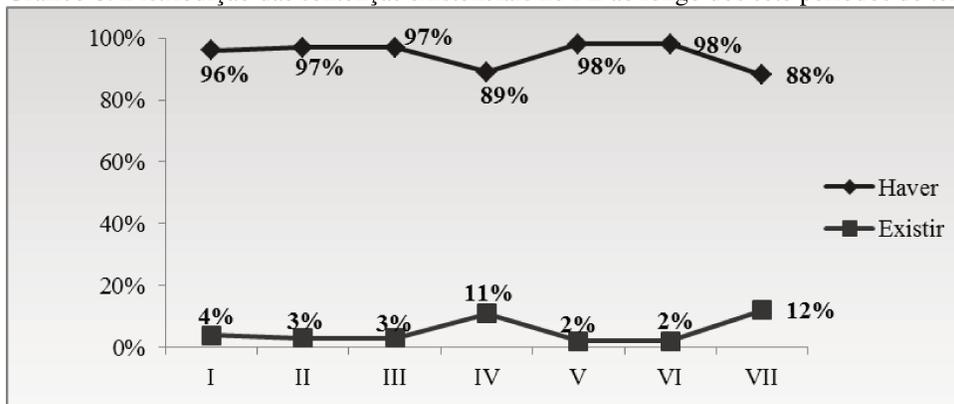
4.2.3 Os dados do PE

No que se refere à representação da noção de existência no PE, a expectativa era que o *haver* apresentasse um comportamento de *verbo funcional*, figurando como o verbo existencial prototípico. Por essa razão, esperava-se que os percentuais de *haver* fossem os mais elevados e que seu uso estivesse associado aos mais variados contextos linguísticos

e discursivos, semelhantemente ao comportamento que o verbo *ter* exibe hoje no PB. Por outro lado, atentando para os resultados de Eleutério (2003), que observou a presença de *ter* existencial numa amostra do PE, ainda que numa proporção pequena em relação a *haver*, e de Bazenga (2012), que realiza uma análise de uma amostra do PE da Ilha da Madeira e encontra também dados de *ter* existencial nesta variedade, seria possível encontrar sentenças existenciais com o verbo *ter* na amostra em análise. No que se refere a *existir*, esperava-se encontrar percentuais baixos e usos condicionados pelo ambiente discursivo, comportamento característico de *verbos substantivos*, como mostrei na análise geral do PB.

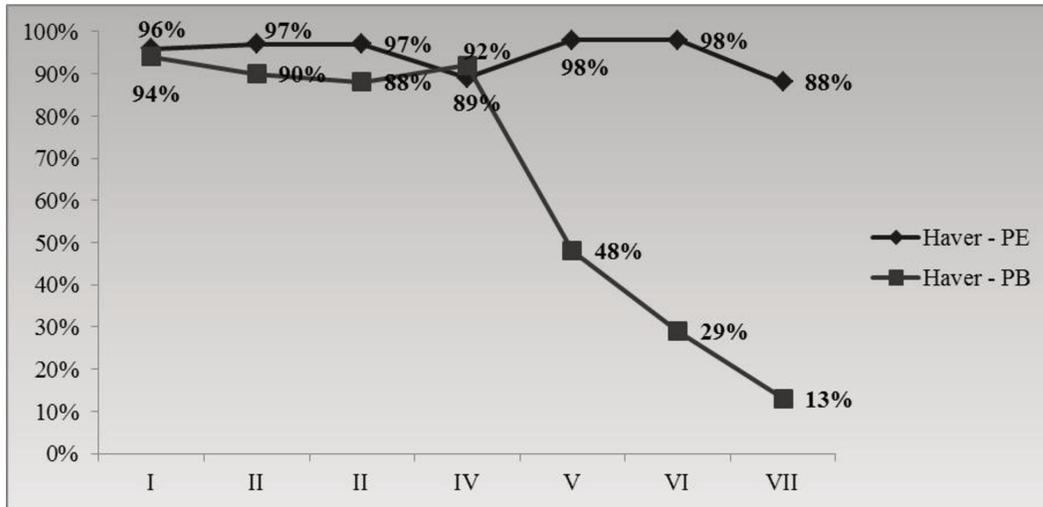
Desse modo, foram encontrados 747 dados na amostra de PE, dos quais 709 constituíam sentenças com *haver* e 38 com *existir*. A distribuição percentual por período se encontra no Gráfico 8 a seguir.

Gráfico 8: Distribuição das sentenças existenciais no PE ao longo dos sete períodos de tempo



Conforme o Gráfico 8, o verbo *haver* no PE, atendendo às expectativas, é o verbo existencial prototípico, figurando em todos os períodos não só com percentuais muito mais elevados do que os encontrados no PB contemporâneo, mas igualmente com distribuição regular ao longo do tempo. Esse resultado deixa mais nítida a mudança ocorrida no PB, quando comparadas as duas variedades. A observação do Gráfico 9 a seguir permite notar que, se nos primeiros períodos os percentuais de uso de *haver* eram semelhantes no PE e no PB, em torno dos 90%, nos três últimos é possível notar uma distância cada vez maior, com o PE mantendo índices muito elevados de *haver* – 98% nos períodos V e VI, e 88% no período VII –, enquanto no PB as taxas caem significativamente, chegando a 13% no último período.

Gráfico 9: Distribuição de *haver* nas duas variedades do português



Não foram encontrados dados de *ter* existencial na amostra em análise, o que, conjugado à situação descrita anteriormente, sugere que a gramática utilizada para a representação da fala de personagens contemporâneos ao momento em que as peças foram escritas não parece contar com o verbo *ter* para a expressão da noção de existência. Assim, de um lado, o PE conta com *haver* como *verbo existencial funcional*, compondo a lista das *categorias funcionais*. De outro lado, outros verbos, como *existir* e *acontecer*, assim como no PB, integram a lista de *categorias substantivas*, exercendo o papel de *verbos existenciais/apresentacionais substantivos*. Considerando os resultados de trabalhos como os de Bazenga (2012) e Carrilho (2009), a presença de *ter* existencial no PE parece estar restrita às variedades tidas pelos portugueses como “não-padrão” ou dialetais, como preferem alguns autores, e aparece no sistema de forma marginal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de esboçar uma possível trajetória da mudança ocorrida no PB na representação das sentenças existenciais, observei aspectos do comportamento de *haver*, *ter* e *existir* no curso do tempo, ao longo dos séculos XIX e XX. Como se viu, *haver* parece de fato ter passado por uma mudança em seu estatuto categorial, deixando de integrar a lista dos itens funcionais e passando a se comportar como uma categoria substantiva, tal qual *existir*. No caso de *haver*, além da questão do traço semântico [+abstrato] do seu argumento interno, essa é uma forma que parece ter se especializado no discurso narrativo, sendo mais recorrente no pretérito. Como consequência disso, *ter* e *haver* não seriam mais formas variantes e se mantêm no PB como categorias diferentes: o primeiro é uma categoria funcional, atuando como verbo existencial canônico, e o segundo integra a categoria de verbo substantivo ao lado de *existir*, *acontecer*, por exemplo.

Os dados ainda revelaram que as alterações no quadro pronominal, o consequente enfraquecimento da morfologia verbal e a perda da possibilidade de licenciar *pro_{ref}* na posição de sujeito de *ter* possessivo teriam sido responsáveis pela entrada desse verbo nas construções existenciais. Esse quadro ilustra a relação entre as mudanças sofridas pelas sentenças existenciais e a remarcação do PSN no PB.

Em outro extremo, o PE, que não apresentou qualquer ocorrência de *ter* existencial, mostrou um comportamento semelhante ao que se encontrou para o PB nos primeiros períodos, mas do qual o PB acabou por se afastar: *haver* como prototípico verbo existencial e *existir*, com índices baixos e regulares em todos os períodos.

Os fatos apresentados neste trabalho colaboram para reforçar a distância entre as duas variedades do português quanto à representação do sujeito pronominal e à representação da existência, o que parece reforçar a ideia defendida por muitos de que estamos diante de duas gramáticas distintas. Fica claro que a representação da existência não se limita a aspectos apenas lexicais: a reestruturação do sistema frente à mudança na marcação paramétrica parece ter como consequência o quadro esboçado aqui, evidenciando o “encaixamento” da mudança.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. O. **Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser e estar em português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2004.
- _____. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de Haver no português brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: PUC-RS, v. 143, 2006, p. 49-74.
- _____. & CALLOU, D. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). **Línguas Pluricêntricas - Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas**. Braga: Aletheia, 2011, p. 287-300.
- CARRILHO, E. **Expletive *ele* in European Portuguese Dialects**. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2005.
- _____. Sobre o expletivo *ele* em português europeu. In: **Estudos de linguística galega**, 2009. p. 7-26.
- BAZENGA, A. Non-dominant TER (to have) - Existential in Spoken EP of Funchal (Madeira Island). In: **II International Conference on Non-Dominant Varieties of Pluricentric Languages**, 2012, Salamanca.
- CALLOU, D. & AVELAR, J. O. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Gragoatá** 9, 2000. p. 85-100
- _____. & AVELAR, J. O. Estruturas com *ter* e *haver* em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, T. (org.). **Para a história do português brasileiro**. Vol. III. São Paulo, Humanitas/USP, 2002. p. 47-67

- CHOMSKY, N. On Phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C. P. & ZUBIZARRETA, M. L. (orgs.) **Foundational Issues in Linguistic Theory**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p. 133-166.
- _____. Minimalist inquiries: The framework. **MIT Occasional Papers in Linguistics** 15, 2001. p.01-61.
- _____. **The minimalist program**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.
- COELHO, I. L. **A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2000.
- CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L. & KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. & NEGRÃO, E. (orgs.). **Brazilian Portuguese and the Null Subject**. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 2000. p. 55-74.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO M. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora. da UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- _____. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 1995.
- _____. Sobre outros frutos de um projeto herético: o sujeito expletivo e as construções de alçamento. In: CASTILHO, A. *et al.* (Org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007.p. 35-48.
- _____. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992) Estudos Diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____ & MARINS, J. Uma análise comparativa das construções de indeterminação na fala e na escrita. In **Cadernos do CNLF**, v. IX, nº 15. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/19.htm>.
- _____.; MARTINS, A. M. & NUNES, J. Controle e Alçamento/Elevação em Português: Aspectos Temáticos e Casuais. In: **3º Colóquio “Português Europeu e Português Brasileiro – Unidade e Diversidade na Passagem do Milênio”**. Lisboa: Universidade de Lisboa, set. 2002.
- EMBICK, D. & NOYER, R. **Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface**. Ms, 2004.
- FREEZE, R. Existentials and other locatives. **Language** 68(3), 1992. p. 553-595.
- HARLEY, H. You're having me on: aspects of have. 1998. Disponível em <http://linguistics.arizona.edu/~hharley>. Acessado em: 22/08/2012
- HENRIQUES, F. P. **Construções com verbos de alçamento: um estudo diacrônico**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry** 15, 1984. p 531–74.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: _____ (orgs.) **The Null Subject Parameter**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 1-44.
- KATO, M. Sujeito e Tópico: duas categorias em sintaxe? In **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 17, 1989. p.109 -132.
- _____ & DUARTE, M. E. L. Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in BP. In: **NWAVE** 32, Universidade da Pensilvânia, 2003.

- KATO, M. & DUARTE, M. E.L Changes in the pronominal system in Brazilian Portuguese: the case of the third person. In: **NWAV 34**, New York, NYU, 2005.
- _____ & DUARTE, M. E. L. Mudança paramétrica e orientação para o discurso. In: **XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Braga, 2008.
- MAGALHÃES, T. **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro**. Tese de Doutoremto. Campinas: Unicamp, 2006.
- MARINS, J. **O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- MARTINS, A. M. & NUNES, J. . Raising Issues in Brazilian and European Portuguese. In: **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4.2, p. 53-77, 2005.
- MILSARK, G. (1974). **Existential Sentences in English**. Tese de Doutoramto. Cambridge, Mass, MIT, 1974.
- PESETSKY, D. **Zero Syntax: Experiencers and Cascades**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.
- PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. 1988.
- SANTANA, A. **Estratégias pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- SANTOS, D. de R. **A ordem VS/SV com verbos inacusativos: um estudo diacrônico**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Letras, 2008.
- SOARES DA SILVA, H. **O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o português e o espanhol**. Dissertação de Mestrado. Rio de janeiro: UFRJ, 2006.
- SPANÓ, M. **A ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro e Europeu: um estudo sincrônico da escrita padrão**. Tese de Doutoramto. Rio de Janeiro:UFRJ, 2008.
- URIAGEREKA, J. From being to having: questions about ontology from a Kayne/Szabolcsi syntax. **Working Papers in Linguistics 4**, University of Maryland, 1996: 152-172.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

Recebido em: 31/05/2013

Aceito em: 13/02/2014